

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFROCENTRADA ATRAVÉS DAS VIVÊNCIAS DE TERREIRO: O RESGATE PELA CONFLUÊNCIA DAS ENCRUZILHADAS¹

Lauren Aryane Silva de Souza²

Conrado Pável de Oliveira³

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo abordar a construção da identidade afrocentrada no contexto da Psicologia Africana e a interseção dos saberes tradicionais nas vivências de terreiro, que rendem sob essa perspectiva. Esses diálogos são pensados a partir dos territórios em movimento que não se limitam ao âmbito religioso e ainda são impedidos de ganhar espaço nas instituições acadêmicas, devido a marginalização desses conhecimentos, acrescidos ao racismo epistemológico que subalterna outras formas de se fazer ciência. Será discutida a importância de compreender e valorizar a identidade afrocentrada a partir da centralidade em África e suas influências na afrodíaspóra, que se fazem presentes pelas afroperspectivas éticas, filosóficas, epistemológicas, mitológicas, sejam elas orais ou escritas e abordaremos argumentos que refutem a ideia de que os povos africanos descendem do período escravagista. Além disso, as metodologias utilizadas perpassam pela pesquisa qualitativa e bibliográfica, gerando enfoque no conceito de escrevivência como possibilidade de dar cor as mãos que redigem essas letras e evocam a ancestralidade coletiva, enquanto um compromisso com as vozes abafadas pelo sistema racista. Se propõe questionar o distanciamento e não comprometimento que a psicologia tradicional eurocêntrica tem se omitido a escutar, superficializando as vivências de pessoas afrodescendentes e os impactos em suas subjetividades, que por resquícios da mentalidade colonial foram massacradas em nome do Deus por caráter de verdade única, manipuladas como práticas de devoção.

Palavras-chave: Identidade afrocentrada. Psicologia africana. Afroperspectiva. Escrevivência. Afrodíaspóra.

LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD AFROCENTRADA A TRAVÉS DE LAS VIVENCIAS DE LOS TERREIROS: EL RESCATE MEDIANTE LA CONFLUENCIA DE LAS ENCRUCIJADAS

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo abordar la construcción de la identidad afrocentrada en el contexto de la psicología africana y la intersección de los saberes tradicionales de los terreiros que emergen desde estas perspectivas. Este diálogo se

¹Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia e relações sociais, comunitárias e políticas.

Recebido em 27/10/2024 e aprovado, após reformulações, em 27/11/2024.

²Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: laurenaryane@hotmail.com.

³Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: conradopavel@uniacademia.edu.br.

plantea sobre cómo estos territorios en movimiento, que no se limitan al ámbito religioso, aún se ven impedidos de ganar espacio en las instituciones académicas debido a la marginación de estos conocimientos, sumada al racismo epistemológico que subordina otras formas de hacer ciencia. Se discutirá la importancia de comprender y valorar la identidad afrocentrada a partir de la centralidad en África y sus influencias en la afrodíaspóra, que se manifiesta a través de las éticas afroperspectivas, las filosofías epistemológicas y mitológicas, ya sean orales o escritas. Además, se abordarán argumentos que refuten la idea de que los pueblos africanos tienen su origen en el período esclavista. Asimismo, las metodologías utilizadas incluyen la investigación cualitativa y bibliográfica, con un enfoque en el concepto de *escrevivencia* como una posibilidad de dar color a las manos que escriben estas palabras y evocan la ancestralidad colectiva, mientras asumen el compromiso con las voces silenciadas por el sistema racista. Se propone cuestionar el distanciamiento y la falta de compromiso de la psicología tradicional eurocéntrica, que ha ignorado y superficializado durante mucho tiempo las vivencias de las personas afrodescendientes y los impactos en sus subjetividades. Estas, debido a los resquicios de la mentalidad colonial, han sido masacradas en nombre de Dios y de una verdad única, manipuladas como prácticas de cuidado y devoción.

Palabras clave: Identidad afrocentrada. Psicología africana. Afroperspectiva. *Escrevivencia*. Subjetividad.

1 INTRODUÇÃO

A escrita que tece esse trabalho é acompanhada de muitas mãos e pés no chão, por onde meu *Orí*⁴ se aterra. Deseja-se irrigar através das nascentes epistemológicas afrocentradas somadas aos saberes tradicionais, o fortalecimento das bases psicológicas africanas que percorrem por suas margens, para desaguar nas cascatas das comunidades afrodiaspóricas. Não à toa, a escolha de uma representação inicial embebida por metáforas fluídas como as águas e aterradas pela retomada ao território de África, se enraízam em terras brasileiras principalmente pelos chãos dos terreiros diversificados por suas expressões.

Desses chãos emerge a voz dos que vieram antes e os quem dão continuidade à trajetória, e diante do umbigo ancestral que evoca a retomada ao útero de África para expandir o caminhar, se pretende questionar o corte escravocrata que determinou o fim de muitas histórias sobre a verdadeira origem do povo negro. Este trauma intergeracional continua direcionando a servidão dos mesmos como uma única

⁴De acordo com Sodré (2017), o *Orí* é a cabeça física considerada como uma divindade pessoal, que necessita de ritualísticas próprias e que rege o destino dos seres humanos antes mesmo deles virem em terra.

saída, provocando o entupimento de suas veias, ao invés da possibilidade do rico escoamento enquanto cascatas. Transgredindo por esses caminhos, a psicologia afrocentrada irá se propor centralizar as filosofias e epistemologias africanas como correnteza confluyente, para esguichar em sua queda nos sujeitos que necessitam se banhar nela, ampliando suas consciências pelo espaço/tempo – atualizando suas resistências.

O conceito de confluência foi cunhado pelo líder quilombola, filósofo, ativista e professor Nêgo Bispo⁵, que poeticamente representou como “um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece” (Santos, 2023, p. 6), ilustrando que a confluência se constitui pela correnteza da troca, aprofunda os conteúdos reflexivos pela partilha em comunidade, que não destitui o próprio indivíduo, muito pelo contrário, rende sob a percepção de si mesmo e dos seus. E acompanhado a essa forma de se recriar, o conceito de escrevivência se dá como metodologia desta tessitura, na tentativa de aproximar os atravessamentos que serão destacados ao longo deste enredo mediante as mãos negras aqui presentes. A escritora Evaristo (2020, p. 30) diz que “nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos [...]” e promove reconexão com os mesmos através do território diaspórico africano, é como incorporar a ancestralidade que se faz presente por aqui.

A escolha desta metodologia vai de embate ao racismo epistêmico⁶ entranhados nas academias, que mata as autoras e autores negros em nome de uma verdade única, branca e supremacista, afogando os encantamentos das teorias milenares afrocentradas, literaturas negras que se propõe acessar as subjetividades de seu povo, saberes tradicionais compostos em sua história e permanência delas, dentre outros registros de sobrevivência. O mestre em psicologia Penna (2019)

⁵Este ancestral quilombola fez sua passagem para *Mpemba*, plano espiritual, no ano de 2023 e deixou *Nza*, plano terrestre, com o legado desafiador de questionar os modos de vidas capitalistas e a valorização do quilombo enquanto território de resistência para pessoas pretas que, em sua cosmovisão, encantavam pelo feitiço e pela força vital em poder retomar as terras que foram cultivadas por nossos ancestrais. Santos (2019) irá retratar essas nomenclaturas citadas sobre os estágios ontológicos dos planos, referenciando o cosmograma bakongo *Dikenga* que ilustra os ciclos contínuos de existência tangíveis entre eles, sem determinar a vida pelo início e fim, uma herança filosófica do povo bantu.

⁶O racismo epistêmico se expressa na “[...] presença rara de autores negros e negras nas bibliografias dos cursos ministrados nas universidades” (Da Silva, 2018, p. 245).

complementa sobre os efeitos dessa estratégia de extermínio de escritas negras, pelo contexto de sua própria vivência e que corresponde a coletividade da mesma:

Dada a composição colonial dos sistemas de formação em psicologia, o que temos em nossas graduações, de forma hegemônica, é uma restrição do ensino às teorias e conhecimentos produzidos pelos “grandes autores” europeus. Autores estes brancos, homens, que são tidos como produtores de conhecimentos universais, como se eles pudessem ser aplicados a todas as outras populações do planeta (Penna, 2019, p. 18).

Portanto, diante desses desdobramentos violentos, certos espaços como os terreiros irão convocar a (re)existência de saberes em prol de uma comunicação, sejam eles tradicionais ou científicos, sem precisar classificá-los como tais, tendo em vista a intencionalidade de dar voz, corpo e sangue ao povo negro em suas próprias narrativas, embargando o protagonismo da ótica eurocêntrica. A autora Medeiros (2021), estudante de uma universidade federal, mulher branca, classe média e umbandista, ao tratar sobre a macumbização da psicologia irá implicar sob essas demarcações que lhe formam. De forma geral, para a autora a psicologia necessita aprender com os fundamentos de religiões de matrizes africanas, destacando que “a identidade das pessoas negras se faz também nos terreiros, entendidos como quilombos urbanos para perpetuação da cultura africana, sem deixar que se percam de vista as tradições e saberes ancestrais” (Medeiros, 2021, f. 30).

A autora branca Nogueira (2013), pioneira sobre os debates em psicologia afrocentrada em território brasileiro motivada por sua vivência em capoeira angola, realizou sua defesa de doutorado em psicologia social pesquisando sobre psicologia crítica africana e descolonização da vida. A partir desta expressão cultural afro-brasileira que resgata o quesito da espiritualidade que não está atrelado apenas à religiosidade, se reforça como uma das concepções africanas essenciais para a sobrevivência do que é humano para nós afrodiaspóricos. Essas manifestações podem percorrer e explorar pelas giras, jongos, sambas de rodas, jogos de capoeira, tambores de mina, dentre outros territórios em movimento, o que a subjetividade circular da corporeidade negra registra, reforçando que a individualidade é ponto crucial para permissão desses encontros, mas que aqui são destacados pelo seu teor coletivo e cultural no Brasil.

Sendo assim, é preciso questionar se a psicologia está localizada nesses territórios e se possui condições de retomar o enegrecimento de sua escuta, rodando junto dessas vivências que perpassam a constituição da negritude, tendo em vista os

variados sequestros culturais, filosóficos e epistemológicos africanos, que foram e ainda continuam domesticados pela raça branca, na intenção de purificar essas práticas. Um exemplo essencial que registra o roubo dessas construções, é a mistificação de um Egito negro contado pelos filósofos gregos como brancos. É exposto no livro *O legado roubado* de George Granville Monah James (1954)⁷ que “o termo filosofia Grega, para começar, é um equívoco, pois não há tal filosofia em existência [...]” (James, 1945, p. 2), afirmação essa que condena a visão mágica europeia em se colocar como civilização originária no mundo, mesmo sendo a África o berço da humanidade.

Nogueira (2013), através da contribuição de muitos autores sobre o tema, observa essas relações com a psicologia eurocêntrica ensinada nas instituições, focada em fragilizar a estrutura de pessoas negras e não reconhecer os processos psicológicos das mesmas e que só avançam para discussões que envolvem o racismo em suas diversas esferas, evidenciando um dos principais motivos deste distanciamento latente que embranquece seus corredores. A responsabilidade e comprometimento com as práticas de cuidado e leituras que potencializem a nossa passagem, podem incorporar promoções de saúde e revitalizar a formação identitária, questões essas que são reconhecidas pelo funcionamento dos terreiros em suas ilustrações aquilombadas, passíveis de reinserção do corpo negro na sociedade e enfrentamento de toda violência atualizada.

2 TOMAR A FALA ENGASGADA

Pensar sobre a possibilidade de construção da(s) identidade(s) afrocentrada(s) não corresponde a um método específico, que resulta em um produto mensurado, com capacidade de replicação examinada. É preciso localizar esses dois conceitos que englobam outros e coexistem entre si, mediante a formação da subjetividade da população preta que vive em afrodíaspóra. Esses recortes (re)existenciais são aquecidos por Noguera (2012) ao falar sobre *Ubuntu* como modo de existir e a ética afroperspectiva, devido a necessidade de coesão entre pessoas pretas em uma

⁷George Granville Monah James sofreu diversos atentados após essa publicação que, supostamente, o levaram a morte.

comunidade, que se integram para se manterem vivas e replicam a vivência em África, enquanto memória não necessariamente consciente, mas ancestral.

O doutor em filosofia retrata que sua tradução é advinda da “[...] máxima zulu e xhosa, *umuntu ngumuntu ngabantu* (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) indica que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos” (Nogueira, 2012, p. 149), e sobre o termo humanizado, na maioria das vezes ele é encontrado como comparativo para *Ubuntu*, porém, o mesmo não abarca toda a complexidade dessa filosofia de vida, tendo em vista que a ética afroperspectiva não separa os seres humanos da natureza, portanto, o ato de humanizar é entendido como algo inato de sobrevivência. Sobre o modo de vida que esta ética perpassa, se dá a constituição do(s) território(s) em que ela germina ou é erradicada, e a vivência em afrodiáspora se findou após ser arrastada do continente africano através das correntes da escravidão, desmoronando a memória de uma população em seu território de origem e designando essa mesma nação por uma ótica reducionista e desbotada da realidade. Nogueira (2012, p. 149) destaca que:

É importante considerar a afrodiáspora. Entendo por afrodiáspora, as bases racistas, os processos históricos e as implicações da escravização impetrada por árabes e europeus de povos negro-africanos a partir do século VIII, as migrações forçadas de povos negro-africanos na condição de pessoas escravizadas inicialmente para o próprio continente europeu e, em seguida, para colônias europeias entre os séculos IX e XIX, além das relações entre elites europeias e classes dirigentes africanas, com a cumplicidade de setores dessas elites africanas, foram estabelecidas relações assimétricas que foram decisivas no estabelecimento do modelo europeu de Estado-Nação e subdesenvolvimento dos países africanos no cenário mundial.

Neste cenário genocida e reformulador da noção de sociedade para o povo negro-africano, os mesmos passaram a serem mantidos como escravizados e sobreviventes pela rota de fuga. Essa descaracterização pelas mãos amarradas, bocas trancafiadas e os laços arrebitados, atenderam aos desejos que os escravagistas designaram para se sobressair enquanto raça pura e para isso, adotaram estratégias de manutenção de desumanização respaldados pela igreja, que de acordo com o autor branco Cesse Neto (2014), perpassa tentativas incessantes de classificar uma raça como demoníaca e merecedora de castigo divino, que responde os efeitos da interseção entre o Estado e a instituição católica, sob a ideia perversa de catequizar esses corpos até morte ou se tornarem puros como a ilustração desta idolatria sangrenta, dita religiosa.

O autor continua retratando a influência da igreja no desenvolvimento das práticas escravagistas, sob um pacto entre o Estado português em que ela dotava poder, reforçando que “[...] haveria uma “vantagem” na escravidão, sustentava-se na lógica que esta prática traria aos africanos a mensagem divina” (Cesse Neto, 2014, f. 30). Sendo assim, a noção mercadológica de pecado e divino é flexibilizada, pois, quando são os servos de deus quem se deleitam do sofrimento do próximo, é possível exterminá-lo sem culpa, em nome do mesmo. A autora Franco (2021, p. 35) atribui a responsabilização aos integrantes do catolicismo que “[...] através do processo de conversão, assumiu um importante papel no contexto colonial de dominação dos corpos e das almas dos africanos [...]” singularizando as categorias de fé, sagrado e profano, arrancando os resquícios de humanidade que lhes sobravam, pela proibição de suas práticas e rituais religiosos.

Diante dessas controversas retaliações, as variadas ferramentas de opressão utilizadas ganham forma, para enterrar a condição humana daqueles corpos somados aos milhares afundados em alto mar e uma delas foi a máscara do silenciamento, que no livro *Memórias da Plantação* a psicóloga Grada Kilomba denuncia sobre a intencionalidade desta amordaça, que “[...] era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e tortura” (Kilomba, 2019, p. 33). Esse ato de roubo do direito de protesto e de se alimentar do que este mesmo povo produzia, demarca sonoras violências tão profundas quanto as cicatrizes das chibatas e propositalmente criadas para abafar a legitimidade de suas histórias, para que só reste uma.

Ao retratar o percurso de afrodescendentes, como esta que aqui escreve e pretende não se demorar no sangue que ainda jorra, é preciso constantemente desmistificar o estado de origem que nos é recolocado pela condição de escravo, recusando a naturalidade em que se atualizam essas ferramentas dilacerantes, pois “[...] ao analisarmos o contexto histórico passamos a reconhecer o projeto de dominação europeu como elemento fundante do racismo, que se traduz de maneira perversa, atacando a população não branca em diversas frentes” (Rosa; Nascimento; Moraes, 2018, p. 122). Contudo, entender que não fomos feitos dessa violência de cor, administra um ponto de partida que questiona o porquê, mesmo diante desta

declarada atuação da branquitude⁸, as pessoas pretas que são responsabilizadas, incorporadas e treinadas socialmente a se olharem pelo reflexo daquilo que não criaram, assim como pontualmente convocadas para arrancar a casca dessa ferida, mesmo sentindo uma dor que não sara com o tempo.

Admitir a escrevivência nesse processo, enquanto uma das principais metodologias deste trabalho, se deve justamente para desmascarar a fala sobre o acesso a nós mesmos, para não se repetir nesta história mal contada e assumir o protagonismo de uma aldeia que se junta pelas letras cantadas, contrapondo a figura de Mãe-preta como a mulher que sobrevivia dentro da casa-grande e “[...] se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência” (Evaristo, 2020, p. 30), enquanto a mesma desejava a liberdade de gritar e bancar suas próprias vontades. Talvez, por aqui essa vontade possa ser bancada, mesmo que sob pena de clareamento das ideias.

3 NÃO ATENDO O CHAMADO DE RACISTAS

É inegociável que essa escória racista europeia se fortifica das entranhas das violências expostas e pela não racialização de pessoas brancas irresponsabilizadas. Foi proposto no Congresso de Cultura Negra das Américas no Panamá para ouvintes afrodescendentes que “[...] o racismo, isto é, supremacismo branco, preconceito de cor e discriminação racial, compõem o fator raça, a primeira contradição para a população de origem africana na sociedade brasileira [...]” (Nascimento, 2009, p. 208), ou seja, reforçando que o sentido de raça está atrelado aos termos de história e cultura e não ao viés de pureza biológica, assim como a própria elaboração teórico-científica proposta pela população branco-europeia, não trará precedentes que justifiquem a escravização e inferiorização de pessoas pretas⁹ afrodescendentes.

⁸Branquitude é um conceito que só pode ser utilizado no contexto das lutas antirracistas e se refere aos privilégios simbólicos e materiais dos sujeitos considerados como brancos. Para entender mais, é possível acessar o livro da psicóloga social Cida Bento (2022), O pacto da branquitude.

⁹A origem dos termos preta e negra remonta à colonização portuguesa e escravização dos povos africanos nas Américas e em outras regiões do mundo. Enquanto preta deriva do latim *pretus*, que

Sem a intenção de anular algo que está marcado em nossa pele, é pontuado por Nascimento (2009, p.197) que “a memória dos afro-brasileiros, muito ao contrário do que afirmam aqueles historiadores convencionais de visão curta e superficial entendimento, não se inicia com o tráfico escravo e nem nos primórdios da escravidão dos africanos, no século XV”, portanto, são diversas as estratégias para se contrapor do desejo visceral de manter pessoas e suas culturas sem ver a luz da vida. Escrever o registro que dá nome às narrativas perpetuadas pela oralidade, ilustra as experiências de vida de pessoas afrobrasileiras como possibilidade de retomar a memória confluyente entre os territórios de Pindorama¹⁰ e África. Esses fatores se aglutinam diante da formação da identidade afrocentrada, refazendo a continuidade da potência de melaninas escurecidas. Conceição Evaristo (2020, p. 30) destaca que:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”.

Neste enredo, a possibilidade de falar mais sobre o impulso revolucionário que nos forma, ao invés do cabides de guardar carne barata, procura não se render às estratégias de apagamento do sujeito africano, por reescrever as formas de resistência que demandaram de *kuumba*, um princípio no idioma khawahili que significa criatividade, uma possibilidade de “[...] criar, inventar e usar toda nossa

significa escura, negra tem origens no termo em latim *niger*, que também se refere à cor escura. Contudo, devido ao histórico mencionado, a denominação negra é relacionada a raça intitulada pelos colonizadores e esses termos, em suas conotações e usos, refletem as mudanças sociais e políticas relacionadas a identidade racial e, principalmente, o direito de escolha de afrodescendentes em se denominarem a partir da forma que lhes deixem mais confortáveis. Esta discussão pode ser encontrada no livro da autora Beatriz Nascimento (2021), *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*.

¹⁰A adoção do termo Pindorama nos discursos contemporâneos é um gesto político e cultural que busca resgatar as raízes indígenas e problematizar a visão eurocêntrica que renomeou o território como Brasil, em referência ao pau-brasil, árvore nativa da Mata Atlântica. Assim, o uso de Pindorama reafirma o protagonismo dos povos originários na história e na identidade do território. É possível ampliar essa discussão através do autor Daniel Munduruku (2016) em *Memórias de Índio: Uma Quase Autobiografia*.

capacidade para deixar tudo que herdamos de nossos ancestrais – a comunidade, os bens, o meio ambiente e toda a cultura – mais belas, belos, confortáveis e funcionando adequadamente para os que virão” (Nogueira, 2012, p. 148-149). Esse caráter criativo se faz presente pela língua, costumes, modos de organização de vida, principalmente dos povos iorubás (nagôs) e bantus.

De acordo com Franco (2021), os povos com maior presença em território brasileiro, foram os bantos, os fons, os iorubás e os minas, enraizando a diáspora africana e as tradições culturais através do que ainda permanecia vivo, a fala. Estudos sobre a cosmologia africana dos bantu-kongo realizados por Bunseki Fu-Kiau (2001), irá traduzir a amplitude das camadas de pensamento e linguagens em continente africano, abordando que os europeus se intitularam da cultura desses povos “[...] sem saber, mesmo que superficialmente, qualquer idioma africano, o instrumento mais importante do ser humano para a comunicação cultural e aprendizado social de padrões e comportamento” (Santos, 2019, f. 39). A estratégia de silenciamento alcançou um nível tão profundo, a ponto de se excluir uma língua como proposta de trancafiar os modos que ela se expressa. Essa audaciosa ação banaliza uma das mais importantes ferramentas de perpetuação da cultural africana para os povos negros em diáspora, a oralidade, “[...] hoje nós temos a escrita como forma de apontamento de nossas memórias, mas ela não é a única forma de registrar os conhecimentos” (Porto *et al.*, 2022, p. 76). A oralidade funciona como um elo vital intergeracional que mantém as tradições, fundamentos e princípios identitários dos povos africanos, evocando sua memória cultural. É através dela que os saberes tradicionais de terreiro se firmam, acompanhados da musicalidade e gestualidade.

Adentrando sob os constructos da identidade africana do povo preto em diáspora, deve-se resgatar a origem legítima do primeiro continente da humanidade, pelas vozes que cantam, corpos que dançam, rodam, não se esgotam e se encontram como florestas, pois “Nações são florestas – *Nsi mfiinda*, diz um provérbio Kongo” (Neves, 2019, p. 44). Diante da oralidade, se possibilita amplificar o direito de contar a própria história, encantar sob a poesia de memória, que cria em suas estrofes “[...] um lugar de transgressão ao apresentar fatos e interpretações novas a uma condução que antes só trazia a marca, o selo do colonizador” (Evaristo, 2010, p. 133) e ir de embate às suas estratégias emitindo uma língua que para eles é considerada marginal, se inverte os desdobramentos do caçador para a caça.

4 A PSICOLOGIA AFROCENTRADA COMO *EBÓ* NOS TERREIROS

Ao entrar no terreiro, primeiramente se descalça os pés para desamarrar as más influências que grudam na caminhada e este ato de se reconectar com o chão, com a terra, relembra a memória que nosso corpo toca, ao enraizar esse contato com ela. Relacionando este saber à passagem por essa temática, é preciso reforçar que a grandiosidade dessas filosofias milenares não se esgotam pelos números de palavras por aqui expostas e justamente por ultrapassar o que até mesmo a oralidade pode manter em segredo, essa epistemologia pretende encontrar à cada um como *ebó* de esperança, “[...] uma tecnologia muito importante no equilíbrio de energias de um terreiro ou de uma pessoa e se faz a partir da escuta das demandas, com o objetivo de atender às necessidades de cada filho, de cada pessoa que se consulta [...]” (Moura, 2021, f. 127). Sendo assim, este *ebó* que ocasionalmente é manipulado pela liderança religiosa de um terreiro, em seu sentido filosófico representará a inserção da psicologia afrocêntrica em um perímetro euro-americano de se fazer ciência, que necessita reconhecer suas limitações e ritualizar as ferramentas potencializadoras da identidade da população negra, para que possamos falar de cura, não aquela que exclui todos os problemas do sujeito, mas que não o violenta mais.

O significado de terreiro no Brasil é contextualizado pelo sociólogo Sodré (2017, p. 241) através do simbolismo nagô, enquanto uma comunidade “[...] (egbé, em iorubá), onde se metaforiza espacialmente a geografia mitológica da origem africana[...]” que localiza no sentido de família estendida, a tentativa de reconstruir os laços arrebatados ao chegarem nos territórios colonizados. Essa ocorrência definidora do destino sem nome dessas pessoas e, portanto, sem identidade, é categorizado como *banzo*, que de acordo com as autoras Rosa, Nascimento e Moraes, 2018, essa é uma das diversas desordens sintomáticas provenientes da exposição a uma compreensão distorcida da realidade, que diz respeito a vivência de um corpo negro desencontrado e vagante entre as sistemáticas de marginalização criadas.

O desenvolvimento das desordens sintomáticas será denominado por Nobles (2009) como descarrilhamento, fazendo a analogia ao trem que continua andando mesmo fora dos trilhos, ou seja, a sensação de que algo está errado é pertinente na

trajetória de pessoas negras, contudo, se **aprende** a continuar vivendo a qualquer custo sob justificativas plausíveis da amenização do caos programado pelo sistema capitalista¹¹. Essas problemáticas não se desfazem como nuvens precipitadas, pois mesmo se ainda fossem, suas águas inundam um terreno ora fértil, ora escasso, mediante sua intensidade ao penetrarem as subjetividades negras, contudo, através da proposta afrocêntrica de pensar a África no centro dessas vivências, seja na diáspora ou no continente de origem, se perpetua pela legitimidade dos valores africanos ao seu adoçamento psíquico, correspondendo a alguns tópicos necessários que estruturam esse projeto, são eles:

1. interesse pela localização psicológica; 2. compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito; 3. defesa dos elementos culturais africanos; 4. compromisso com o refinamento léxico; 5. compromisso com uma nova narrativa da história da África (Asante, 2009, p. 96).

Discute-se sobre como “[...] a origem do sofrimento psíquico do povo negro diaspórico decorre do processo de escravização dos mesmos, as sequelas promovidas em seus descendentes, até os dias atuais [...]” (De Santana Silva; Silva, 2015, p. 126), reforçando o lugar da psicologia afrocentrada comprometida com os aspectos biopsicosociais e culturais, interligados ao que se bombeia pelas veias do povo africano. Uma definição importante no campo da psicologia africana é o *Sakhu Sheti*, “[...] necessidade de uma disciplina afrocentrada que nos permita não apenas compreender o significado e a experiência de ser africano, mas também conhecer a utilidade e a realização da fé, da alegria e da beleza em ser, pertencer e tornar-se africano” (Nobles, 2009, p. 278), um modo de reconhecimento contínuo que acontece nos movimentos de luta, nas orientações de segurança dadas pela família ao sair de casa, assim como a paixão que se canta um samba de época anterior a sua existência, com a sensação de ter vivido a criação da letra e pela força das palmas das mãos em meio a uma multidão de corpos sambantes que se esbarram no olhar.

Esses corpos de memórias se atinam diante de experiências sob as peles suadas, que dão espaço às incorporações dos povos que lhes acompanham, retomam a vida em uma outra perspectiva e com variadas chances para se refazer na travessia, que marcam seus pontos nas ruas, na luta por condições dignas de sobrevivência que

¹¹Trocadilho utilizado em discursos populares, especialmente em contextos de militância política, movimentos de esquerda, críticas sociais e culturais, que é frequentemente empregado por ativistas anticapitalistas.

são conquistadas com festa. Estes terreiros em movimentos se encruzam, se bancam sob essas perspectivas de encontrar a morte viva e desejam que a pluralidade de suas práticas não seja disputada por quem colocou os integrantes dessas rodas como objeto de estudo e fragmentação. Compreende-se, portanto, que “[...] as vivências de terreiro convocam a tomada de consciência do ser negro em uma sociedade mascarada pela democracia racial e pelo estado laico de direito” (Santos, 2022, f. 14) e esse sopro de irreverência vai de encontro com a psicologia crítica africana, baseada por fundamentos ancestrais e que “[...] está dentro de um território desqualificado historicamente pelo processo de colonização, mas que permanece viva no continente e na diáspora e em contextos sociais marcados pela desigualdade [...], se fazendo política em toda sua formulação” (Nogueira, 2014, p. 7).

Sob as encruzilhadas que *Esú* enquanto princípio de cognição comanda, se aproxima a interlocução dos terreiros com as universidades pelo objetivo de imortalizar saberes que resistem ao tempo do esquecimento e que não precisem se concentrar em teorias específicas, sendo de responsabilidade do corpo-docente de se posicionar. A autora Moura (2021, f. 75) nos explica que:

A encruzilhada é esse lugar-potência em que os caminhos se encontram e a transformação é possibilidade no horizonte a partir desses encontros, entre conhecimentos tradicionais e conhecimentos científicos, entre as mestras e as estudantes, entre os terreiros e as universidades. Assim, através da encruzilhada podemos investir analiticamente na compreensão dessas transformações que reelaboram e recolocam o lugar da sala de aula. Se na encruzilhada os caminhos se apresentam para que façamos escolhas, é possível abandonar aqueles que estabelecem certas compreensões acerca daquilo que se legitima enquanto conhecimento a partir exclusivamente da lógica ocidental, dos espaços legitimados a ensinar e produzir conhecimento apenas como os espaços formais e do modo como esses conhecimentos são elaborados. Trataremos de olhar com atenção para cada um desses eixos reflexivos que o conceito-fundamento de encruzilhada abre em nosso horizonte analítico [grifos da autora].

Nascimento (2009) irá contribuir com a intitulação da psicologia africana como base de toda a sua área, tendo em vista as relações do antigo Egito com a África Negra e suas epistemologias tão milenares quanto a dita psicologia tradicional, “[...] quando pesquisadores dos estudos africanos remetem a origem da humanidade à Kemet, à região do Vale do Nilo no continente africano, que depois migrou e se espalhou para outras regiões denotando uma continuidade cultural [...]” (Nogueira, 2014, p. 6), eles constataam essa legitimidade filosófica e denunciam o roubo histórico dos gregos, mesmo estando distantes de casa. Dentre esses resgates, o conceito de quilombismo como tática de sobrevivência e progresso de comunidades de origem

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 13, p.226-244, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483.

africana, irá explicitar que “quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (Nascimento, 2009, p. 205) e para enfrentar as engrenagens que percorreram durante anos para calar a nossa voz, é preciso aglutinar os punhos cerrados dos afetos, sob um compartilhamento que rende o vislumbre diante do reconhecimento dos deuses e deusas que sangraram e dançaram, para que hoje a gente possa apenas dançar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desses fazeres e saberes transgressores filosóficos, que ultrapassam o aquecimento de propostas exploradas neste trabalho, chegamos ao questionamento sobre como a psicologia se apresenta nesta roda. Sobre quais epistemologias ela está embasada e por que não, a psicologia afrocentrada, dentre outros saberes milenares? Como se percorre o ensino formal sobre teorias psicológicas nas instituições, tendo em vista a dominação da branquitude nas diversas esferas sociais, inclusive, mediante a validação do que é o conhecimento científico ou não? Tentar questionar esses resquícios, é debater com a neutralidade estratégica fantasiada de terceira pessoa. É de interesse do modelo hegemônico de produção, a manutenção dos efeitos da verdade única como garantia de direitos, sejam eles “[...] direitos das literaturas, dos processos intelectuais, subalternizando os saberes primitivos e ancestrais, desconstruindo as práticas e subjetividades dos povos “dominados” (Porto *et al.*, 2022, p. 71), para que apenas uma história continue sendo contada, comprada, imaginada e irresponsabilizada.

Quais são as raças e gêneros presentes nesses locais, prontos para avaliarem o trabalho de uma negra mulher cisgênera, que não fala apenas por si mesma, mas pela história que transita em seus passos e pelo que aprendeu com os seus. Como é encarar uma estrutura racista que emite o efeito de ter que repensar inúmeras vezes antes de marcar o movimento de escrita, por algo que pode ser entendido como ira? Como isso ecoa nos olhares designados a ter como base o não envolvimento com aquilo que publica? De que forma essas suposições ou não, arriscam o produto final: o reconhecimento da brancura. Quem se incomoda? Quem dará continuidade ao formato ensinado dentro dessas paredes engessadas, que ignoram os corpos

transitando lá fora, sejam eles vivos ou não, pois para “[...] um Muntu africano, os mortos não estão mortos: eles são apenas seres vivendo além da muralha esperando pelo seu provável retorno à comunidade, ao mundo físico [ku nseke]” (Neves, 2019, p. 20) que pode se revelar justamente com o contato de quem aqui habita e se reconecta.

Levantar essas perguntas anteriormente às possíveis respostas, é um jeito de reverter o paradigma, levar junto a construção de uma consciência racial que não seja de responsabilidade única e exclusiva de gentes pretas, pois seus efeitos não garantem a interpretação automática das mesmas e nem tudo que é preto, é afrocentrado. Nesse sentido, “a maior parte da discussão contemporânea nesse campo tem ocorrido, contudo, em reação às limitações da psicologia ocidental (branca) e/ou às consequências psicológicas negativas de ser africano numa realidade antiafricana” (Nobles, 2009, p. 277) que não se responsabiliza pela marginalização instaurada dos conhecimentos considerados contrários a que os instrumentos ocidentais de compreensão humana e de prática desejam.

Diante disso, os primeiros passos no universo da psicologia afrocentrada se refere ao “[...] contato com o pensamento afrocentrado produz encantamento, mas também estranhamento, e tudo isso é como o balançar de uma embarcação onde a vista é bonita, mas, às vezes, dá enjojo” (Reis, 2023, p. 37-38). Fica escuro, assim como a readaptação desta palavra para algo compreensível, que o estranhamento gera movimento e este diz de “Sankofa: se wo were fi na wo sankofa a yenki [Se você esquecer, não é proibido voltar atrás e reconstituir]” (Nobles, 2009, p. 277), e esse *adinkra* irá retratar da recuperação da herança imaterial deixada pelos negros africanos, tanto os que vieram do continente quanto os nascidos na diáspora, para que as futuras gerações possam preservar o legado localizado em suas identidades afrocentradas. Ao resgatar os ensinamentos e a memória do passado, enxergamos uma trajetória de liberdade e emancipação para o futuro, tal como a ação de transgressora de *Exú*.

Ao ir e vir nos ensinamentos procurados, ao retornar para avançar, se pretende resgatar a potência memorial identitária que se refaz sob as necessidades de (re) existências, em que colhemos os reflexos de espelhos que alcancem a verdade sobre esses corpos, tornando as suas cores. Conceição Evaristo (2020) irá fazer a analogia desses reflexos com as águas de Narciso que não contemplam a nitidez de nossa

beleza, mas que se encontram no miolo da filosofia psicológica, se comparado as águas de Oxum e Iemanjá, de como os *abebés* (espelhos) utilizados por elas, podem encontrar os sentidos das escritas que retratam suas vivências e modos de cuidado:

No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos (Evaristo, 2020, p. 38-39).

A partir desses direcionamentos, se almeja subverter a noção vendida de uma descendência compactamente submissa, pactuada com seus alçózes e silenciadas pelas amordaças, para dar espaço às giras que transmutam uma liberdade reinventada, que consiga minimamente assegurar o sujeito negro pelas rotas de fuga, sendo essas direcionadas à pertença mútua e humana, que viabilizem escolhas e reflexos em suas comunidades, pois “quando a gira está rolando no terreiro e alguém puxa o ponto, todo mundo canta junto” (SANTOS, 2023, p. 12). Dessa toada, se invocam as almas que foram trancafiadas pela senzala, para que elas possam correr em direção a vida, quem sabe sem o medo dela ser novamente retirada por outra.

REFERÊNCIAS

- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: uma nota sobre uma posição disciplinar. *In*: *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade**: Uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110. Disponível em: <https://afrocentricidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemologica-inovadora-sankofa-4.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2022.
- CESSE NETO, João da Mata Rosa. **A arte-luta da capoeira angola e práticas libertárias**. 2014. 252 f. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2014_t_JoaodaMata.pdf. Acesso em: 19 out. 2024.

DA SILVA, Nádia Maria Cardoso. Universidade no Brasil: Colonialismo, colonialidade e descolonização numa perspectiva negra. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S.l.], v. 13. n. 3, p. 233-257, jan. 2018. DOI:

<https://doi.org/10.12957/riae.2017.29814>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/29814>. Acesso em: 07 abr. 2024.

DE SANTANA SILVA, Marina Santanna; SILVA, Maristela Santos. Religiosidade africana no trato do sofrimento psíquico: contribuições para uma psicologia afrocentrada no Brasil. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 121-129, nov. 2015. DOI: 10.17564/2316-3801.2015v4n2p121-129. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/2521>. Acesso em: 21 nov. 2024.

EVARISTO, Conceição. Escrivivências e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org). **Escrivivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1.ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132-142. Disponível em: <https://aladaaainternacional.com/wp-content/uploads/Literatura-negra-uma-voz-quilombola-na-literatura-brasileira.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.

FRANCO, Gilciana Paulo. As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência. *Sacrilegens*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 30-46, set. 2021. DOI: 10.34019/2237-6151. 2021.v18.34154. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/34154>. Acesso em: 19 set. 2024.

FU-KIAU. Kimbwandènde Kia Bunseki. **African Cosmology of the Bantu-Kongo: Principles of Life & Living**. 2 ed. New York: Athelia Henriett, 2001.

JAMES, George Granville Monah. **O legado roubado: a filosofia grega é uma filosofia roubada do Egito**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1954.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/MEMORIAS_DA_PLANTACAO_-_EPISODIOS_DE_RAC_1_GRADA.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.

MEDEIROS, Marina Dal Magro. **Macumbizando a Psicologia: o que as religiões de matriz africana têm a transmitir à Psicologia**. 2021. 45 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/233774>. Acesso em: 20 set. 2024.

MOURA, Beatriz Martins. **Mulheres de axé e o território da universidade:** encruzilhando epistemologias e refundando pedagogias. 2021. 187 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/44175>. Acesso em: 04 set. 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **Memórias de índio:** uma quase biografia. Erechim: Edelbra, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. *In: In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.).*

Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-298. Disponível em: <https://afrocentricidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemolc3b3gica-inovadora-sankofa-4.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2024.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras:** relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: Retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. *In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). Afrocentricidade:* Uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-298. Disponível em: <https://afrocentricidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemolc3b3gica-inovadora-sankofa-4.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 3, n. 6, p. 147-150, fev. 2012. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/renato_noguera_-_ubuntu_como_modode_existir.pdf. Acesso em: 04 set 2024.

NOGUEIRA, Simone Gibran. Psicologia crítica africana: O que é isso e para que serve? *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS*, 8, 2014, Belém. **Anais [...]** Belém: Universidade Federal do Pará, 2014. Não paginado. DOI: <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.11380.19841>. Disponível em: https://psicologiaeaficanidades.com.br/wp-content/uploads/2024/06/Psicologia_Africana_O_que_e_isso_Para_qu.pdf. Acesso em: 02 out. 2024.

NOGUEIRA, Simone Gibran. **Psicologia crítica africana e descolonização da vida na prática da capoeira Angola.** 2013. 236 f. Tese (Doutorado em Psicologia)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/17017>. Acesso em: 5 ago. 2024.

PENNA, William Pereira. **Escrevivências das memórias de Neusa Santos Souza:** apagamentos e lembranças negras nas práticas psis. 2019. 124 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: https://app.uff.br/slab/uploads/2019_d_WilliamPenna.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

PORTO, Pâmela dos Santos; MIRANDA, Eduardo Oliveira; SANTOS, Marta Alencar dos; CHAGAS, Urânia Santos das. Das comunidades afrodescendentes à academia: encruzilhadas possíveis dos saberes tradicionais e acadêmicos. **Revista Léguas e Meia**, Feira de Santana, v. 14, n. 2, p. 68-84, out. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/9994/8325>. Acesso em: 08 maio 2024.

REIS, Bruno. A chegada: os primeiros passos no universo da psicologia afrocentrada. In: NOGUEIRA, Simone Gibran. **Psicologia Afrocentrada no Brasil: psicologia da educação em diálogo com saberes tradicionais**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 33-46. E-book. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/psicologia-afrocentrada-no-brasil-psicologia-da-educacao-em-dialogo-com-saberes-tradicionais/>. Acesso em 07 out. 2024.

ROSA, Dandara da Silva; NASCIMENTO, Nathália de Souza; MORAES, Viviane Mendes de. A psicologia africana como ferramenta de mudança social da população negra-africana. In: CONGRESSO DA ALFEPSI, 7, 2018, **Anais [...]** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UbuEditora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Erikson Bruno Mercenas. **Nós falaremos por nós: uma encruzilhada autoetnográfica sobre a construção da identidade negra a partir das comunidades tradicionais de terreiro**. 2022. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/16908>. Acesso em: 05 jun. 2024.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. 2019. 233 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI:10.11606/T.8.2019.tde-30042019-193540. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-30042019-193540/>. Acesso em: 11 set. 2024.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017. Disponível em: https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2022/03/Sodr%C3%A9_Muniz-Pensar-Nag%C3%B4.pdf. Acesso em: 23 ago. 2024.